

TERAPIA PELA ARTE NUMA ABORDAGEM HERMENÊUTICA

Jorge Oliveira

Doutorando em Psicopedagogia Criativa
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais -UFP
jorgeo@iol.pt

Maria Antónia Jardim

Professora Associada
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP
mjardim@ufp.pt

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar um projecto de doutoramento na área da psicopedagogia criativa, tendo por objectivo validar uma metodologia que utiliza a Arte como processo terapêutico, junto de uma população heterogénea com problemas bio-psico-sociais, à qual depois de validada, pretendemos chamar "Terapia pela Arte". Propomos a hermenêutica da narrativa ricoueriana como método para atingirmos tais objectivos.

Neste trabalho apresentamos o estado da Arte, das metodologias terapêuticas que utilizam a Arte como veículo de transformação.

Enunciamos, ainda, uma proposta de definição deste modelo, bem como a descrição do projecto de tese.

Por último, damos especial destaque à metodologia utilizada, sendo esta uma metodologia mista. Utilizamos o método quantitativo de avaliação do auto-conceito, através da aplicação da escala de A. Vaz Serra de avaliação do auto-conceito – Inventário Clínico de Auto-Conceito de A. Vaz Serra (1986); e o método qualitativo, no qual serão utilizados os modelos das histórias de vida, segundo Marie-Christine Josso, sendo estas analisadas através do método da hermenêutica da narrativa.

Consideramos que com a validação deste método iremos permitir uma melhor integração dos indivíduos e a sua consequente integração social.

PALAVRAS-CHAVES: terapia; arte; auto-conceito; hermenêutica.

ABSTRACT

This work intends to present a Ph.D. project in Creative Psycho Pedagogy area, having as goal the validation of a methodology that uses the Art as therapeutic process, near a heterogeneous population with bio psycho and social problems, which we will intend to call "Therapy for the Art", after being validated. We propose the hermeneutics ricoeur's version of the narrative as method to reach these aims.

In this work we present the state of the Art, the therapeutic methodologies that are used as an Art alteration mean. We express, still, a proposal of definition of this model, as well as the thesis' project description.

Finally, we give special importance to the used methodology, which is a mixing methodology. We use the quantitative method of the self-concept's evaluation, through the application of the scale of A. Vaz Serra of the self-concept evaluation – Inventário Clínico de Auto-Conceito de A. Vaz Serra (1986); and the qualitative method, in which will be used the models of life stories, as stated by Marie-Christine Josso, being these analyzed according to the hermeneutics of the narrative. We believe that with the validation of this method we will allow a better integration of the individuals and its consequent social integration.

KEY-WORDS: Therapy; Art; Self-concept; Hermeneutics.

1. TERAPIA E ARTE – O ESTADO DA ARTE

No final do século XX e início do século XXI, verifica-se uma preocupação crescente na resolução dos problemas dos indivíduos. De acordo com a perspectiva da Teoria Holística, o indivíduo é perspectivado como um ser único, ou seja, distinto, com uma identidade única, bem como uma comunicação que lhe é própria, aliada à sua “caixa” de segredos. Surgem novos domínios no campo da formação, da pedagogia e da terapia. Surgem novos territórios e modelos de pedagogia/terapia alternativos, como a Psicopedagogia Criativa, que têm em comum perceber o indivíduo como um corpo criativo, no qual busca o desenvolvimento da criatividade, a auto-estima e o auto-conceito através do acto de criar.

Inúmeros autores têm vindo a sublinhar a forma como a organização social contemporânea e os seus sistemas associados parecem coarctar a dimensão inventiva do ser humano. Vygotsky (1982), dá-nos conta que a perda do “lúdico” provoca na criança o envelhecimento precoce e a atrofia da espontaneidade [...] a actividade criadora é uma manifestação exclusiva do Homem, sendo o Ser Humano o único ser vivo que tem a capacidade de criar algo novo a partir do que já existe. O Homem usa a criatividade para pode imaginar situações futuras e formar outras imagens.

Na mesma linha de pensamento Edith Rubinstein (2004), considera que é necessário considerar o ser antes do fazer. O vínculo afectivo é a ligação que permite ao ser humano torna-se *homo faber*, ou seja o homem que produz algo. A cognição não é suficiente para que o ser humano transforme, consciente de forma criativa e inédita. É preciso poder sentir, sonhar, imaginar, brincar, intuir, perguntar ao outro, perguntar a si mesmo, duvidar, e uma infinidade de outras capacidades não controláveis, pela razão, as quais constituem-se na energia/força necessárias para transformar o conhecimento em saber. Ao apropriar-se do que a cultura oferece cada um dá um tempero próprio, um sabor especial, fruto da sua experiência de vida. Neste sentido, considera a autora, a psicopedagogia tem, hoje, um grande desafio: saber lidar com as tensões pertinentes que envolvem o acto de aprender/transformar/criar/ apropriar do conhecimento na pós-modernidade.

Para esta autora, crianças Índigo são crianças que surgem com um novo saber, uma nova forma de estar. Definida por terem uma aura “azul Índigo” e apresentada, segundo este modelo, por Nancy Ann Tappe (1982).

Surgem, assim, nesta década do conhecimento outras teorias, que no reflectem um novo olhar sobre o mesmo. De alguma maneira, são, ainda, movimentos transgressores, uma vez que questionam o *status quo* e devolvem uma nova forma de interpretar a realidade. Contudo, de forma progressiva, mas cada vez mais sólida e coerente, ganham o seu território e a sua expressão.

Teresa Guerra (2006), menciona no seu livro “Crianças Índigo” que as crianças e os jovens da “nova era” invadem hoje a escola e a sociedade.

Estas crianças e jovens Índigo precisam de uma educação diferente, que acompanhe a sua evolução e desenvolvimento que desperte a sua curiosidade e motivação e os seus novos interesses. É fundamental haver uma educação baseada no amor e na liberdade.

Estes novos seres deverão desenvolver as suas capacidades, intuições e dons de uma forma natural e criativa, deixando que expressem os seus saberes, as suas individualidades, valorizando a sua auto-estima. A educação das novas gerações, que já estão entre nós, poderá não ser fácil mas poderá tornar-se em algo aliciante e num verdadeiro desafio... muito gratificante se mudarmos a nossa forma de pensar e viver sintonizando-nos com a nova energia.

A Gestalterapia, por exemplo, tem uma visão do ser humano que aliada à perspectiva de corpo e a concepção de cada ser humano como possível “artista da sua própria vida”, possibilita tanto a consideração das complexas inter-relações entre o psicológico e o social, como um olhar à particularidade única de cada pessoa, cada percurso, cada história.[...] [Valoriza] especialmente a liberdade e a criatividade, [...] [da] suas raízes nos movimentos de libertários e da sua cuidadosa e delicada atenção, à qualidade do contacto.

A busca da autenticidade e da criatividade na vida sem dúvida estão presentes no modo de ver e estar no mundo (Selma Ciornai,2003).

Na sua aplicação prática, recolhemos a intervenção junto de crianças e adolescentes com perturbações psiquiátricas. Assim sendo, Mira Coelho, J (1982) descreve o funcionamento de um grupo de expressão livre, cujo funcionamento está baseado no modelo teórico, que supõe o existencial de um interinconsciente colectivo, que geraria inter imagens, que surgiriam nos vários grupos de tratamento e no grupo de aferição das técnicas da tomada de consciência das proximidades vivenciais [...] O Homem sofre porque não se encontra, não encontra nem é encontrado pelos outros. Quando toma consciência de que comunga com os outros a mesma imagem, sente surgirem perspectivas de esperança. A avalanche de angústia que impediu o seu caminho existencial é ultrapassada. No caso dos grupos de crianças com perturbações psiquiátricas, a regressão atenua-se, o obstáculo é vencido e é para o futuro e desenvolvimento pleno da maturidade que elas se encaminham. As inter imagens são evolutivas e encontram-se agrupadas em 5 categorias:

(1) – imagens de tensão, de muro, vazio de compressão, tornam a temática do não movimento, de acordo com um processo de inibição colectiva; (2) – imagens de agressão, nitidamente conflituais e destrutivas, onde se revelam movimento sem sentido definido, ambivalência, actualização de relações afectivas com maus objectivos, coincidindo com eclosões agressivas no grupo de aferição; (3) – imagens de fusão, desagregação, redução ao princípio informe, como uma morte simbólica, necessária a uma nova síntese mas sempre com características muito regressivas; (4) – imagens de transformação em que se começam a definir uma nova estrutura de forma irradiante, coincidindo com uma evolução positiva no sistema, presentindo-se um reagrupamento de valências construtivas; (5) – imagens de fecundação e frutificação, o colorido sexual é evidente e onde se pressente um aumento marcado da coesão de todo o sistema e um arranjo relacional mais gratificante, sinal que as inibições neuróticas anteriores estão removidas”.

Segundo o filósofo Georges Canguilhem, a doença é uma vida pobre impossibilitada de invenções, espaço de monotonia e de repetição de normas limitadas e constringedoras. Já a saúde é uma vida capaz de ultrapassar a norma medíocre do normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infracções e de instituir novas normas em situações novas...”

João A. Froyze (2005): p. 283... “ se a arte é um processo formativo que busca permanentemente espaços de expansão e de invenção e se a terapia busca recuperar a saúde daqueles que sofrem de males de repetição – seja no contexto clínico ou hospitalar, seja no contexto educacional, a associação entre elas poderá ser fecunda”.

2. TERAPIA PELA ARTE – UM CONCEITO A VALIDAR

A arte na sua essência mais pura e bruta, bem como na forma de produto artístico, é simultaneamente um instrumento libertador de emoções e um canalizador de vivências. É um objecto potencial de relação com múltiplas dimensões: (1) a relação do autor com a obra, onde valorizamos o momento do planeamento e concepção; (2) a relação da obra com o observador, onde valorizamos a forma como

cada um se sente provocado; (3) a relação entre o observador e autor, encontro mais ou menos indirecto e de consequências imprevisíveis.

A produção de arte por indivíduos, com diferentes limitações, para além de ser um instrumento libertador que permite a descoberta do “eu” e a consequente percepção do outro, promove a inclusão num contexto heterogéneo. Contrariamente às intervenções clássicas que impõem a palavra como expressão do mundo interno, a terapia pela arte liberta o indivíduo do uso de uma linguagem saturada e que facilmente penaliza indivíduos pouco escolarizados, e propõe o corpo e os sentidos como modo alternativo de expressão. Deste modo, com a arte projectamos o nosso interior e fazemos com que os outros se identifiquem, criando no “objecto artístico” um ponto intermédio entre o produtor de Arte e o espectador da mesma, surgindo assim uma comunidade de pertença, uma rede de inclusão.

O método aplicado é desenvolvido tendo em conta os pressupostos acima referenciados. Os facilitadores da prática artística são técnicos das áreas artísticas, nomeadamente, teatro, dança, pintura e fotografia. Um dos aspectos singulares deste método reside no facto destes técnicos não terem qualquer conhecimento académico na área da saúde; ou seja, para estes, a arte é o instrumento puro, através do qual são trabalhadas competências relacionais. Não existe, portanto, a necessidade, ainda que inconsciente, de ver, estar e sentir o outro; o indivíduo que “usufrui da prática artística”, não sente o risco de ser catalogado segundo os conceitos inerentes ao seu estado de saúde e que, de alguma maneira, poderiam ser inibidores da libertação do indivíduo com consequente limitação da integração.

2.1. DESCRIÇÃO DO PROJECTO

Neste trabalho pretendemos descobrir a importância da arte como mecanismo facilitador da relação inter e intra relacional, num grupo heterogéneo de indivíduos com diferentes limitações bio-psico-sociais, promovendo a inclusão e consequentemente o aumento da auto-estima e auto-conceito.

Este trabalho pretende, de alguma maneira, ser um contributo para um instrumento terapêutico/pedagógico que ajude, de forma inclusiva, a melhorar o sistema de aprendizagem, isto é, pretendemos criar uma escola para indivíduos heterogéneos, a qual poderemos chamar de “Escola Total”.

2.2. OBJECTIVOS GERAIS

- Analisar a arte como um desafio humano;
- Verificar em que medida a arte é um contributo para o desenvolvimento das relações inter e intra pessoais;
- Verificar em que medida a arte é uma psicopedagogia criativa;
- Verificar se a arte promove o desenvolvimento do auto-conceito;
- Interpretar a metodologia aplicada no Espaço t; através do modelo da hermenêutica da narrativa;
- Analisar o comportamento de grupos heterogéneos quando estes utilizam a arte como processo terapêutico.

2.3. QUESTÕES LEVANTADAS

- A arte é um instrumento terapêutico/pedagógico?
- Terapia/ pedagogia fundem-se na área das necessidades psicossociais?

- A criatividade é um factor de influência do desenvolvimento psicossocial do indivíduo?
- Utilizando grupos heterogéneos no domínio do desenvolvimento psicossocial obtêm-se resultados mais credíveis do que utilizando grupos mais homogéneos?
- A utilização de grupos heterogéneos é um passo para a integração e para a inclusão?
- A barreira entre indivíduos normais ou “ditos normais” e indivíduos com problemas psico-sociais é ténue e muitas das vezes uma barreira meramente social?
- A arte é tão ou mais importante como outros meios terapêuticos, logo a arte funciona como uma terapia/pedagogia alternativa/complementar?
- A arte verbaliza o não dito pelo indivíduo?
- A arte ajuda a sentir a verdade individual de cada um?

3. METODOLOGIA

Optamos por um método de investigação misto, com o intuito de reforçar o processo de validação:

- Método Qualitativo: baseado em estudos de caso, segundo o modelo de histórias de vida de Marie-Christine Josso, sendo os mesmos analisados através do método da hermenêutica da narrativa.

Pretendemos, agora, efectuar uma abordagem da hermenêutica da narrativa no desenvolvimento pessoal.

A hermenêutica, (a arte da interpretação) evoluiu ao longo dos tempos tendo Wilhelm Dilthey alargado a sua dimensão à interpretação de todas as criações e à dos humanos, abrangendo a história e a interpretação da vida humana.

Analisar e interpretar a história da vida humana no sentido mais abrangente, ou seja, o passado, o presente e até o futuro, o dito, o não dito, o verbal, o não verbal, o intra-eu, e tudo aquilo que a circunda.

Heidegger em “Ser e Tempo” (1927) esboçou um a “interpretação” do ser humano, o ser que, em si mesmo, compreende e interpreta.

Interpretando os outros e sendo alvo de interpretações.

Nesta visão de interpretação dinâmica e multi factorial; o que interpreta é sempre algo da sua subjectividade, no entanto nunca pode esquecer o todo e as partes do todo. Ao interpretar existe a necessidade de nos colocarmos no papel do outro e no contexto em que ele está inserido.

Que ligação existe entre o real que existe e o imaginário verbalizado muitas vezes pela linguagem não verbal, pelo cenário em que o “actor” interpretado se encontra, mas que na abrangência da interpretação dá um valor à mesma.

Ao interpretarmos uma história de vida temos sempre a incontável arbitrariedade da interpretação pois, por mais isentos que sejamos interpretamos sempre baseados em pressupostos, nunca somos totalmente imparciais (por mais imparciais que julguemos ser).

Por isso, uma interpretação é sempre passível de uma revisão.

Paul Ricoeur, em "Tempo e Narrativa" (1994-1997) dá primordial importância às inter-relações entre as dimensões da experiência e a sua articulação simbólica no auto-relato; segundo este filósofo o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal.

Nesta perspectiva o auto-relato é de extrema importância na análise de histórias de vida; pois esse auto-relato passa a ser um espaço de encontro entre a vida íntima e única de cada indivíduo com o seu contexto social, histórico, cultural e até familiar.

O autor da narração de si próprio, ou seu protagonista da sua biografia cria sempre uma renegociação e uma reinvenção identitária.

Podemos afirmar, então, que este método vai sempre trabalhar entre o íntimo do "eu" enquanto indivíduo e sua história a analisar e o seu o meio sócio cultural em que está inserido.

Quando o indivíduo narra a sua história reinventa-a; ou seja, altera a sua experiência nomeadamente, (re) elaborando-a, (re) criando-a.

Recriando o vivido de uma forma quase ficcional.

Paul Ricoeur, em "Tempo e Narrativa", (1994-1997), explica a função significativa ou figurativa levada à prática pela narrativa ficcional, como modelo estrutural análoga a todo o acto narrativo. O autor da sua história relata, assim, numa narrativa de ficção a síntese de um tempo objectivo e real e também vivido pelo próprio autor. Cria, então, a função narrativa através da qual se relata a acção humana na temporalidade.

Paul Ricoeur, em "Tempo e Narrativa", (1997) sugere o destino de um tempo pré figurado e um tempo refigurado pela mediação de um tempo configurado; surgindo dessa forma os três níveis de operação mimética (mimesis I, II, III) da acção. Sendo estes níveis sintetizados no tempo da pré figuração, configuração e refiguração, respectivamente.

O narrador passa, assim, ao narrar a sua história de um tempo prefigurado da acção, de um nível vivido e da experiência em mimesis I, para um tempo configurado de forma simbólica pela composição narrativa em mimesis II, com o objectivo de comunicar a sua experiência a alguém, o que caracteriza o terceiro tempo enquanto tempo de alteridade, onde se comunica um narrado a alguém; o tempo refigurado, em mimesis III, que restitui à acção o tempo vivido do narrador/autor. Completando, assim, o ciclo narrativo, no qual o sentido nunca fecha em si mesmo, mas sim antes torna-se dinâmico.

Paul Ricoeur, em "Tempo e Narrativa", (1997) apresenta, ainda, a noção de identidade de narrativa tendo em conta o cruzamento da realidade vivida e a realidade ficcional, ou seja, a identidade narrativa é o resultado da dialéctica provocada pelo cruzamento entre a história real e a ficção baseada nessa história, à qual Ricoeur chama "solução poética do círculo hermenêutico".

Surge, assim, um indivíduo protagonista de uma identidade narrativa que se recria e oscila no seu percurso biográfico único. Um indivíduo que é parte de um mundo, de um espaço dinâmico.

Nessa identidade narrativa, Ricoeur definiu um processo estrutural ao qual denomina de "ipseidade", ou seja, uma identidade que não fica no seu egocentrismo e "autismo", mas sim interage com o meio, uma identidade relacional aberta ao mundo externo que o altera e modifica.

Através desta identidade narrativa podemos interpretar o outro enquanto ser em “si mesmo” e ser que interage com o mundo que o rodeia.

Neste trabalho de doutoramento serão utilizados estes pressupostos da hermenêutica da narrativa, na perspectiva de Paul Ricoeur, junto de sete indivíduos com problemáticas e vivências heterogéneas. Analisaremos as suas histórias de vida, tendo sempre em conta o seu mundo interior e o seu meio exterior; o seu dito, o seu não dito, o seu verbal, o seu não verbal.

Da análise das suas identidades narrativas tentaremos compreender, na perspectiva hermenêutica e tendo em conta a sua subjectividade, de que forma a aplicação da arte nas suas vivências pessoais e dinâmicas relacionais interferem na sua história de vida, promovendo o seu desenvolvimento pessoal e conseqüente melhoria do seu auto-conceito com o inerente aumento da inter relação com o seu “eu” e o “eu” dos outros.

- Método Quantitativo: irá ser aplicada a escala de A. Vaz Serra de avaliação do auto-conceito – Inventário Clínico de Auto-Conceito de A. Vaz Serra (1986) aferida para a população portuguesa de avaliação de auto-conceito. Esta escala será utilizada numa população heterogénea de 100 indivíduos, que utilizam a arte como processo terapêutico; com o objectivo de avaliar a intervenção da arte ao longo do desenvolvimento pessoal do indivíduo e conseqüente melhoria do auto-conceito. Assim, a estes indivíduos que praticam formas de Arte diversificada como teatro, jornalismo, pintura, entre outras, ser-lhes-á aplicada a escala de A. Vaz Serra de avaliação do auto-conceito – Inventário Clínico de Auto-Conceito de A. Vaz Serra (1986) no início do processo terapêutico e seis meses após o início desse mesmo processo, com vista a avaliar as alterações do seu desenvolvimento interpessoal.

A. Vaz Serra (1986) define o auto-conceito como sendo é um constructo psicológico que permite ter a noção da identidade da pessoa e da sua coerência e consistência. [E acrescenta] é um constructo teórico que: a) nos esclarece sobre a forma como o indivíduo interage com os outros e lida com áreas respeitantes ás suas necessidades e motivações; b) nos leva a perceber aspectos do auto controlo, porque certas emoções surgem em determinados contextos ou porque é que uma pessoa inibe ou desenvolve determinado comportamento e; c) nos permite compreender a continuidade e a coerência do comportamento humano ao longo do tempo.

4. IMPLICAÇÕES NA ACTUAÇÃO

Com o desenvolvimento desta prática, consideramos que a integração social de todos os indivíduos será mais eficaz com a conseqüente melhoria da inclusão sem necessidade de criação de mecanismos de segregação positivos ou negativos.

Pretendemos com este modelo que a utilização da arte como linguagem das emoções, posta em prática através de um novo conceito de “terapeutas” e dirigida a grupos heterogéneos nas suas limitações e nas suas potencialidades, irá contribuir para um novo conceito de trabalho terapêutico/pedagógico que melhorará significativamente a prática da terapia /pedagogia.

Acreditamos que através da Arte todos os indivíduos desenvolvam as suas competências relacionais e emocionais, criando mecanismos de pertença numa sociedade inclusiva onde não há lugar para indivíduos que sobrevivam, mas sim para que todos possam viver num conceito de complementaridade.

BIBLIOGRAFIA

- ALLESSANDRINI, C, (2002). *Oficina Criativa e Psicopedagogia*. São Paulo, Casa do Psicólogo.
- BILBAO, G, (2004). *Psicologia e arte*. Campinas, Editora Átomo & Alínea.
- CIORNAI, S, (2005). *Arte Terapia Gestáltica: Um caminho para a Expansão da Consciência*. São Paulo, Summus Editorial.
- GUNTHER, Z & Freeman, J (2000). *Educando os mais capazes: Ideias e ações comprovadas*. São Paulo, EPU.
- GUGGENHEIM, E., (2003). *Agora IX: Modelos alternativos de formação*. Luxemburgo, Salónica.
- JARDIM, M. (2000). *Da Hermenêutica a Ética em Paul Ricoeur*. Porto, U.F.P.
- LAURENTI, R, (2004). *Psicopedagogia: um modelo fenomenológico*. São Paulo, Vetor Editora Psico-pedagogia Ltda.
- MOSQUERA, J, (1976). *Psicologia da Arte*. Porto Alegre, Sulina.
- PASSOW, A, (1979). *The gifted and the talented: Their Education and development*. Chicago, The Chicago University Press
- RICOEUR, P, (1981). *Hermeneutics and the Human Sciences*. Cambridge. Cambridge University Press.
- RICOEUR, P (1994-1998) – *Temps et Récit*, Paris, Seuil
- RICOEUR, P (1994) – *Tempo e Narrativa (Tomo I) São Paulo: Papyrus*
- RICOEUR, P (1995) – *Tempo e Narrativa (Tomo II) São Paulo: Papyrus*
- RICOEUR, P (1997) – *Tempo e Narrativa (Tomo III) São Paulo: Papyrus*
- VAZ Serra, A (1986) – *O Inventário Clínico de Auto-Conceito. Psiquiatria Clínica, n.º7.57-66*
- VAZ Serra, A (1988a) – *Atribuição e auto-conceito. Psychologica, 1.127-141*
- VAZ Serra, A (1988b) – *O auto-conceito. Análise Psicológica,2 (VI).101-110*